



“BELA, RECATADA E DO LAR”: A CASA-GRANDE E OS ESPAÇOS DO FEMININO NAS OBRAS DE JOSÉ LINS DO REGO

Olindina Ticiane Sousa de Araújo¹

Universidade Estadual da Paraíba

E-mail: ticiane2606@hotmail.com

RESUMO: o presente texto tem por finalidade analisar as personagens femininas e os espaços de construção de suas identidades nas obras de José Lins do Rego, principalmente em *Menino de Engenho e Meus Verdes Anos*. Elementos históricos imersos em um universo ficcional, entretanto, propício a sucessivas leituras socioculturais acerca das concepções de um contexto consolidado por meio de opiniões, padrões e valores da sociedade patriarcal, típica conservadora e latifundiária do século XIX e início do XX, organizada em torno da Casa-Grande e do engenho. Nestas condições, objetivamos apresentar as múltiplas faces das mulheres abastadas ou desfavorecidas em termos econômicos destas narrativas literárias, ao ponto de tecer fios unidos por semelhanças ou embaraçados pelas discrepâncias existentes entre as identidades masculinas e femininas do referido contexto histórico, ou seja, Homens: administradores da vida social e econômica; Mulheres: damas educadas para serem discretas, belas, reservadas, gerenciadoras dos arranjos domésticos e educação dos filhos. Sobre os espaços da casa, torna-se necessário evidenciar os lugares de convívio coletivo e/ou particular, a exemplo da cozinha, quarto dos santos, sala de jantar, pensando estes ambientes, enquanto dimensões de privacidades, como lugares impregnados por relações de poder e diferenciação entre as representações de gênero. Este trabalho dialoga com o PIBIC² *As Maneiras de Morar na Obra de José Lins do Rego: os modos de viver na casa grande através da literatura do ciclo da cana-de-açúcar*³ e estar norteado pelos referenciais teórico de Michel de Certeau e Roger Chartier.

Palavras-Chave: Casa-Grande, Mulheres, Sociedade, Literatura, História.

¹ Graduanda em História Licenciatura Plena pela Universidade Estadual da Paraíba.

² Pesquisa orientada pela Professora Doutora Maria do Socorro Cipriano-UEPB.



INTRODUÇÃO

Mediante a necessidade de se pensar os lugares do feminino na história e na literatura, o presente texto busca identificar as construções destes espaços e com as representações do feminino, principalmente, se redefinem ao longo da história e das narrativas literárias de dois romances de José Lins do Rego: *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos*.

Sendo assim, temos por objetivos apresentar os diferentes contornos femininos, sejam eles de condições abastadas ou desfavorecidas economicamente, e as formas com as dimensões do privado são erguidas conforme as impressões particulares e características norteadas, na maioria das vezes, pelas representações do masculino e feminino em um contexto do patriarcalismo conservador, vivenciado no interior da Casa-Grande.

Pois, torna-se importante estabelecer a compreensão acerca do contexto, da importância dos papéis sociais, principalmente, destas mulheres destacadas no corpo do texto e da cartografia de seus lugares indiciados pelas relações de objeto-corpo nas construções de suas identidades.

A ARTE DE COMBINAR CLIO COM A LITERATURA DE REGO

Firmado nos alicerces de uma perspectiva da História Cultural, as discussões norteadas pela a História e a Literatura, neste caso, nos permitem promover uma compreensão e idealização dos espaços da Casa-Grande entre os séculos XIX e XX, contexto sociocultural e histórico caracterizado pelo patriarcalismo e a decadência econômica do ciclo do açúcar, no nordeste do Brasil.

Pensamos estes espaços da casa e da sociedade como objetos que nos falam sobre os destinos e lugares construídos para as identidades do feminino e masculino, além de permitir reflexões e compreensões acerca das hierarquias de gênero estabelecidas entre os sujeitos, condições estas, desde já, sem respeitar as escolhas sexuais e opiniões singulares.

Além das definições e determinações do social, observa-se que a vivência na Casa-Grande e os símbolos contidos nestes ambientes falam e representam com detalhes os seus habitantes. Por isso que os romances de José Lins do Rego (*Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos*) nos impulsionam a traçar a cartografia desses espaços representados e construídos mediante as relações do que deve ser entendido como feminino e o que deve ser



característica da masculinidade.

Os diálogos estabelecidos entre historiografia e literatura visa identificar as organizações, separações de espaços, papéis sociais, familiares e domésticos existentes entre homens e mulheres do século passado, estes ainda reverberantes em muitas situações do contemporâneo. Desta forma,

Meio a esse complexo caleidoscópio de imagens e representações, cabe-nos reunir e aproximar informações, às vezes, dispersas, fragmentadas e afastadas, interpondo-as e transpondo-as ao buscar inteirar-se de um mundo que foi e não é mais e as suas circunstancialidades, na procura de assimilar, digerir e interpretar os sinais que se dão a ler (...) (BORGES, 2010, pp. 106).

Contudo, nos enredos ficcionais são apresentadas inúmeras representações do feminino expressas, na maioria dos casos, como personagens sem grandes papéis significantes, pois a intencionalidade do autor não está direcionada aos focos de luzes pertinentes as diversas figuras femininas de suas obras, porém, nas entrelinhas da narrativa imaginária suas atuações são extremamente notórias e acabam contornando as cenas em virtude dos comportamentos particulares existentes.

Nas mesmas proporções de apresentação, as imagens do masculino ganham traços opostos, superiores e firmadas pelas relações de poder e dominações patriarcais também expressas abertamente por hábitos e valores que insistem em permanecer. Isto pode ser exemplificado quando: “Na grande sala de jantar estendia-se uma mesa comprida, com muita gente sentada para a refeição. O meu avô ficava do lado direito e a minha tia Maria na cabeceira”. (REGO, 2008, pp. 41).

A intermediação de História com a própria Literatura de José Lins do Rego resulta em uma significativa evidência de elementos que mostram as várias circunstâncias das representações de gênero da época passada, pois os seus romances possuem um teor de autobiografia, caso observado por críticos e estudiosos.

Sendo assim, esta comunicação não tem a pretensão de buscar a verdade sobre o passado, apenas promover uma leitura possível mediante uma imaginação real. “Nessa medida, é a História que formula as perguntas e coloca as questões, enquanto que a Literatura opera como fonte. (...) Não se trata, no caso, de estabelecer hierarquia entre História e Literatura, mas sim de precisar o lugar de onde se faz a pergunta”. (PESAVENTO, 2008, pp.83).



Logo, as narrativas históricas se ressignificam e permitem dialogar com outras fontes, a exemplo dos romances do ciclo do açúcar observados neste texto. Literatura esta que permite acessar uma época, as sensibilidades, identificar valores, ideias do outro e de si, estilos e condições de uma representação do real por meio do imaginário.

FEITAS PARA CASAR OU CAUSAR

Donas do lar, figuras responsáveis por quase tudo que se dizia respeito à educação dos filhos e filhas, desde a alfabetização até a transmissão dos valores importantes a uma determinada esfera do social e econômico, submissas às representações de pai e marido, em aspectos econômicos e políticos, impotentes na trajetória do mundo rural patriarcal do século XIX e início do XX, educadas para casar e administrar os afares domésticos. Talvez estas inumeradas características falem sobre mulheres abastadas do período patriarcal tradicionalista presa à sombra e ao silêncio de uma subordinação do masculino. Devia-se seguir o recato e os bons modos femininos para, assim, obter com êxito os caminhos do matrimônio. Nestes modos,

Educadas estritamente para saberem lidar com o ambiente doméstico, de modo a desenvolver um perfil próprio de esposa, as moças da classe alta e média na sociedade brasileira dos séculos XVIII e XIX viviam, desde cedo, à espera de um marido. Chegava a puberdade e já era tempo das meninas deixarem os lares, de infância tão pouco vivida, para dedicar-se a nova vida de casada. (PONTES, pp. 44).

De fato, a decência e os bons modos seriam virtudes determinadas às mulheres antes e após o matrimônio. De acordo com Michelle Perrot (2003, pp. 15), “A mulher ‘tal como deve ser’, principalmente a jovem casadoura, deve mostrar comedimento nos gestos, nos olhares, na expressão das emoções, as quais não deixará transparecer senão com plena consciência”.

A vida de solteira não era condição desejada pelas moças de família, pois se preferia viver sobre “as rédeas” de um marido, do que do pai ou irmão mais velho. Restavam educar-se para a vida religiosa ou para os caminhos do matrimônio. Recai sobre as mulheres a obrigação de serem boas esposas e excelentes gerenciadoras dos afazeres domésticos. Para isto e por isso que, principalmente, as casadouras deveriam se afastar de todas as companhias impróprias ou viverem perseguidas pelas opiniões públicas da época. Segundo a Carla Pinsky, devia-se:

(...) evitar a todo custo ser taxada de “leviana”,



“vassourinha” ou “maçaneta” (...), mantendo-se dentro dos limites reservados “às moças de família”, ou seja, aquelas que os homens procuravam para esposa, fiéis, recatadas e puras. Em outras palavras, mais fáceis de manejar e perfeitamente enquadradas. (...) as moças precisam proteger a sua reputação, pois estão sob a mira de olhares vigilantes. O recato e a virtude continuam a ser qualidades morais obrigatórias nas candidatas à esposa. (PINSKY, 2014, pp. 58).

Os casamentos das filhas de senhores de engenho aconteciam na Casa-Grande e não nas capelas ou igrejas próximas. A casa do pai da noiva se enfeitava, ganhava pintura nova e algumas mobílias. Os preparativos se iniciavam meses antes e a fartura de comida e bebida alegrava a festa dos noivos. Segundo a narrativa de *Meus Verdes Anos*:

Havia pintores de Pilar e da Paraíba para limpeza da casa. Os retratos da parede desciam para um banho de ouro-banana nas molduras. As cadeiras da sala de visitas ficavam no alpendre com o negro Nubião no verniz. O jardim todo tratado com roseiras florindo e crótons a vicejar. (...) Engarrafavam os quintos de vinho que se compraram na Paraíba. As garrafas de champanha entulhavam-se na despensa. Viera louça nova em barricas enormes. A Casa-Grande já não cabia tanta gente. (REGO, 2008, pp. 104).

O bom comportamento, a expressão angelical, o perfil ideal da mãe, esposa e dona do lar exemplar pairam sobre uma das personagens de *Menino de Engenho*. Clarisse, filha do senhor de engenho, assume as características tidas como essenciais às mulheres casadouras antes e após o casamento, quando:

“(...) Junto dela eu não sentia necessidade dos meus brinquedos. Dona Clarisse, como lhe chamavam os criados, parecia mesmo uma figura de estampa. Falava para todos com um tom de voz de quem pedisse um favor, mansa e terna como uma menina de internato”. (REGO, 2008, pp.20).

Entretanto, outras ganham um diferencial e contornos ousados por romperem os padrões, a exemplo da negra Zefa Cajá, sem posses e presente nos dois romances. Percebe-se que a beleza desta mulher se mistura aos prazeres e necessidades, sendo vista com símbolo de sedução e desejo do masculino no engenho. Segundo Vainfas (2010, pp. 116), são “mulheres que, apesar de oprimidas e abandonadas, souberam construir sua identidade e *amansar* os homens (...)”. Já que, ao mesmo tempo ganha independência por não ter a representação masculina gerenciando sua vida e comportamentos.

Assim, percebe-se que ambas as mulheres assumem papéis e delimitam espaços diferenciados de acordo com os padrões, sejam econômicos, sociais ou culturais. A vida doméstica gira em torno delas, independente de serem ricas ou pobres, negras ou brancas. O recato e os caminhos do matrimônio repousam no desejo de muitas mulheres da época, mas a beleza e o brilho de ambas



redefinem a ousadia daquelas que preferem romper com a normalidade e simplesmente causar, em vez de casar.

ESPAÇOS DA CASA, CARTOGRAFIA DO FEMININO (?)

A Casa-Grande, este espaço operatório de observação, traz em cada quina das paredes, formas das mobílias, organização dos interiores, divisões dos aposentos, vestígios de seus habitantes, dialogam com os visitantes e inquietam aqueles que se atrevem a fazer (re)leituras acerca das maneiras de morar/viver no século XIX e XX. Assim, os lugares da casa, independente dos materiais usados para a construção, contam histórias, expressam valores, costumes, ideias do outro, figuram os personagens e contornam as divisões de gênero.

Se habitar um lugar significa deixar rastros, então o ser humano deixa expresso em suas construções sólidas (casa) personalidade própria, individuais ou coletivas que garantem definir seus traços de acordo com os contornos dados a sua moradia e registra as suas impressões. “A casa da gente é antes de tudo o lugar em que a gente se sente em paz onde se repetem dia a dia os gestos elementares da arte de fazer. É um lugar próprio que, por definição, não poderia ser o lugar de outrem”. (CERTEAU, 1998, p. 203).

As divisões da casa, criadas de acordo com as necessidades de privacidade e bem-estar, falam sobre os moradores. “A casa vai além da estrutura física que combina piso, paredes e teto: ela é a extensão da vida de quem nela habita. Cada indivíduo vivencia histórias no interior do espaço construído, o que torna a arquitetura um lugar repleto de significado”. (BARROS; COUTO, 2012, pp.98). Pois, ela é fruto de olhares múltiplos, adaptações e mudanças ocorridas nos diferentes contextos socioeconômicos. Sendo assim, a casa se divide entre ambiente de afetividade, aconchego e a necessidade constante de investir para alcançar o conforto pessoal ou familiar. Como lugar de refúgio, segundo a Zabalbeascoa (2013, pp. 55), “O lar, como edificação, nasceu graças ao fogo (...). O refúgio do homem organizou-se sempre em torno do calor do lar”.

É na privacidade da casa que o ser humano se sente parte integrante daquela família, se for o caso. É também nos cômodos da casa que este mesmo ser humano habitualmente realiza as suas práticas cotidianas e lá constrói constantemente sua identidade, se abriga contra os perigos do mundo para além do alpendre, calçada, rua, demarcando seu território e definindo suas impressões nas cores, mobília, alimentação, vestuário,



ritos cotidianos, organização dos objetos e regras ditadas aos passantes. Por isso, de acordo com Certeau, a casa tem a função de abrigar, porque “aqui o corpo dispõe de um abrigo fechado onde pode estirar-se, dormir, fugir do barulho, dos olhares, da presença de outras pessoas, garantir suas funções e seu entretenimento mais íntimo”. (CERTEAU, 1996, p.174).

O uso e o desuso desses cômodos se dão conforme as necessidades individuais ou coletivas dos sujeitos. Tais ideias não passam despercebidas nos romances de José Lins do Rego, principalmente *Menino de Engenho* e *Meus Verdes Anos*, ambos desenham nos pormenores os espaços da Casa-Grande do engenho Corredor e outros. Nela estão contidos elementos que permite aguçar novos olhares acerca da vida doméstica, nos anos anteriores ao nosso. Trata-se de um retrato literário da Paraíba do século XIX e inícios do XX, de uma região responsável por abençoar com fratura as plantações de Cana-de-açúcar dos ricos senhor de engenho. Entretanto, vivendo já anos de uma notória crise de produção e safra do açúcar.

Os aposentos da Casa-Grande sejam eles cozinha, quarto dos santos ou sala de jantar trazem em si, nas narrativas literárias de Rego, lugares contornados e idealizados para a atuação do que é entendido como “coisa de mulher”. Espaços quase predestinados a sua presença, organização e responsabilidade para com os arranjos domésticos, assumindo condutas exigidas pelo sexo oposto. Pois, se nota que o masculino cartográfica a geografia dos lugares construídos para o feminino e ditam as regras na maioria dos casos. “A Casa-Grande do Corredor não girava em torno da senhora como o Gameleira do dr. Lourenço em torno da tia Maroca”. (REGO, 2008, pp.35).

Desta maneira, observa-se que a sociedade patriarcal tradicional edificou o mito de dependência da mulher para com o homem. Entretanto, apesar dos movimentos que discutem a autonomia e valorização feminina, segundo Silva (2010, pp.136), “parte das mulheres continuam presas- muitas têm consciência- ao regime de dependência”.

Em ambas as narrativas, no que diz respeito à religiosidade, mostra-se de responsabilidade das mulheres, pouco interesse masculino, o ofício de ensinar as crianças do engenho a rezar. Em *Meus Verdes Anos e Menino de Engenho*,

“(…) insistindo com a tia Maria para que me ensinasse as rezas, o padre-nosso, a ave Maria, a salve rainha. Chegou-me mecanicamente o hábito de rezar”. “A minha tia Maria cuidava de ensinar a mim e os moleques, as rezas que ainda hoje sei. O meu avô, nunca o vi rezando”. “Havia no engenho uma parenta nossa chamada Carolina, que rezava o terço no quarto dos santos. (...) Os moleques aprendiam



reza com ela, que nos levava todas as noites, depois da ceia, para as rezas e benditos”. (REGO, 2008, pp. 94, 69, 111).

Não havia o hábito cotidiano pela reza, principalmente entre os homens, mas observava-se certo compromisso para com os aspectos religiosos no engenho.

“(…) o quarto dos santos vivia fechado. Não havia no engenho o gosto diário da oração (…) mas pagava-se muita promessa, (…) E mesmo meu avô não era um devoto. A religião dele não conhecia a penitência e esquecia alguns dos mandamentos da lei de Deus. Não ia à missas, não se confessava mas em tudo que procurava fazer lá vinha um *se Deus quiser* ou *tenha fé em Nossa senhora* (…)”. (REGO, 2008, pp. 69-70, grifo nosso).

Na sala de jantar, no momento das refeições, nota-se a predominância do senhor como a liderança maior dentre todos. O respeito e as relações de poder entre homens e mulheres se mostram na posição dos acentos diante da grande mesa, quando:

Na grande sala de jantar estendia-se uma mesa comprida, com muita gente sentada para a refeição. O meu avô ficava do lado direito e a minha tia Maria na cabeceira. Tudo o que era para se comer estava a vista: cusuz, milho cozido, angu, macaxeira, requeijão. Não era, porém, somente a gente da família que ali se via. Outros homens, de aspecto humilde, ficavam na outra extremidade, comendo calados. (REGO, 2008, pp.41).

A sala de jantar é mais um dos ambientes da casa onde encontramos as marcas do feminino expressas na organização das louças, pratos e talheres, nos arranjos, nas cortinas e toadas que decoram este cômodo.

A cozinha espaçosa, acolhedora, criativa funcionava com o coração da Casa-Grande. Ricos e pobres, negros e brancos, homens e mulheres se encontravam neste ambiente para realizar as trocas afetivas, as relações de poder e as conversas paralelas sobre os mais variados assuntos comentados nos arredores do engenho e da cidade grande. “As brancas deitadas, dando as cabeças para os cafunés e a cata de piolhos (…)”. Brancos e negros se encontravam sempre naquela fábrica de fogos acesos (...). As notícias chegavam primeiro na cozinha (...)”. (REGO, 2008, pp.37/132).

Estando presente em toda arquitetural habitacional, a cozinha ganha importância na medida em que as necessidades alimentares exigem transformações ou adaptações no ambiente. Entretanto, observa-se que ao longo da história as atividades realizadas na cozinha foram efetuadas por mulheres, empregadas e escravas. Condição esta imposta e, na maioria dos casos, aceita sem muitas resistências. Em *Menino de Engenho*,

A velha Generosa
cozinhou para a casa-



grande. Ninguém mexia num cacareco da cozinha a não ser ela. E viessem se meter nos seus serviços, que tomavam gritos, fosse mesmo gente da sala. – quem quisesse mandar na cozinha que viesse para a boca do fogo. (REGO, 2008, pp.87).

A naturalização dos espaços domésticos como lugar do feminino decorre de um conjunto de padrões corporais, valores, funções sociais e atitudes diversas que terminam por definir a identidade de gênero, associando os objetos existentes nesses espaços ao corpo feminino, havendo até uma difícil dissociação entre as práticas e as representações de gênero. Ou seja, entende-se neste contexto o universo feminino limitado exclusivamente a casa, enquanto que a representação do masculino ganha às dimensões de dentro e fora da moradia.

A liderança da figura masculina se faz presente nas duas obras, quando o personagem Carlinhos visualiza o avô Paulino com a pessoa mais importante, desfazendo, assim, das tias que são responsáveis pela sua criação. “Olhava eu o meu avô como se fosse ele o engenho. A grandeza da terra era a sua grandeza. Fixara-se em mim a certeza de que o mundo inteiro estava ali dentro”. (REGO, 2008, pp.55).

Sendo assim, os atributos domésticos no espaço da Casa-Grande direcionados as mulheres são muito diferentes daqueles conduzido ao homem, e o que se vê é a forma de apropriação da territorialidade doméstica. Esse véu de feminilidade pode recair nos objetos, nas práticas cotidianas, nas ordens destinadas aos empregados, nos detalhes e organização da mobília da cozinha e quartos, principalmente. De fato, vemos estas mulheres protagonizam com sucesso aquilo que insiste em passar despercebido: os espaços da feminilidade na Casa-Grande do senhor de engenho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos com a seguinte pergunta: Quais características determinam o que deve ser entendido como atitudes e deveres do masculino e feminino, principalmente em uma sociedade patriarcalista conservadora do século passado? Os músculos, força, comportamentos, responsabilidades, brutalidade, hormônios, corpo, o tom da voz, a vestimenta, tudo que fuja das “coisas de mulheres”.

De fato, ainda vivemos sobre parâmetros pensados pelo e para o masculino, porque a sociedade cria, redefine e caracteriza os sujeitos de acordo com o gênero e a sexualidade sem respeitar as escolhas, as particularidades plurais ou singulares, as construções e desejos individuais. Assim, o sujeito que corresponde aos elementos dessa masculinidade assume uma condição de superior e condutor da



vida social, política e econômica, por exemplo.

Todavia, as identidades são criadas mediante os diferentes contextos e representações multifacetadas do social. Os conflitos de identidades ocorrem no momento ao qual as opiniões individuais e/ou coletivas entram em choques. Ou seja, quando um grupo de indivíduos, contidos dentro de um mesmo sistema interno, reagem com insatisfação ao que é imposto pelas outras esferas ideológicas, priorizando, na maioria das vezes, uma sexualidade como normalizadora em detrimento de outras.

Assim, não só por meio da literatura, mas a partir das observações sociais, notamos que o corpo feminino se conecta aos domínios da vida doméstica como se não houvesse uma separação entre objetos e corpos. Indiscutivelmente, a representação do feminino nas obras ganham destaques em virtude das tramas se desenvolverem basicamente nos espaços da Casa-Grande. Sendo ou não intencionalidade do autor, o mesmo acabou por também cartografar os espaços do feminino em seus romances e assim nos conceder a liberdade de ler estas mulheres.

REFERÊNCIAS

- BARROS, A. A; COUTO, M. E. de Gusmão. Hábitos no habitar: um estudo sobre os hábitos de morar em diferentes perfis habitacionais. **Oculum Ensaios**. Campinas. p.96-101. Jul-dez, 2012. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br>> Acesso em: 20 maio 2016.
- BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas considerações. **Revista Teoria da História**. Goiás-GO. Ano 1, n. 3. P. 94-109, jun.2010.
- CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. V 2. Petrópolis: Vozes, 2011.
- DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres no Brasil. In:___ VAINFAS, Ronaldo. **Homoeristismo Feminino e o Santo Ofício**. 9º ed. 2º impressão. São Paulo: Contexto, 2010, pp. 115-140.
- MATOS, Maria Izilda Santos de; SAIHET, Rachel. O Corpo Feminino em Debate. In:___ PERROT, Michelle. **Os Silêncios do Corpo da Mulher**. São Paulo: editora UNESP, 2003, pp. 13-28.
- MACHADO, J. C. S; SANTIAGO, I. M. F. L; NUNES, M. L.S. (orgs.) Gêneros e Práticas Culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares. In:___ JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **Máquina de Fazer Machos: gênero e práticas culturais, desafios para o encontro das diferenças**. Campina Grande: editora EDUEPB, 2010, pp. 21-34.
- MACHADO, J. C. S; SANTIAGO, I. M. F. L; NUNES, M. L.S. (orgs.) Gêneros e Práticas Culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares. In:___ SILVA, Antonio de Pádua da. **Perfis das Personagens Mulheres da Literatura Brasileira de Autoria Feminina:**



dependência, vingança, solidão. Campina Grande: editora EDUEPB, 2010, pp. 133-152.

PINSKY, Carla Bassanezi. **As Mulheres dos Anos Dourados.** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PONTES, Maria das Neves Alcântara de. **O Perfil Feminino em Menino de Engenho, de José Lins do Rego:** uma abordagem sócio-linguística-cultural nos anos 30- de Casa-Grande à Senzala. PG Letras 30 anos. Vol. I (1), pp. 39-53. Disponível em: <<http://www.pgletras.com.br/Anais-30>> Acesso em: 26 jan 2016.

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho.** 96ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

REGO, José Lins do. **Meus Verdes Anos.** 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

SILVA, Sergio Gomes da. **A Crise da Masculinidade:** uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. Psicologia, Ciência e Profissão, 2006, 26 (1), pp. 118-131. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v26n1/v26n1a11.pdf>> Acesso em: 28 jan 2016.

ZABALBEASCOA, Anatxu. **Tudo Sobre a Casa.** Tradução Maria Alzira Brum Lemos. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.